



EGO, LINGUAGEM E CULTURA: MEDIAÇÕES SIMBÓLICAS E ORGANIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA TEORIA FREUDIANA

EGO, LANGUAGE AND CULTURE: SYMBOLIC MEDIATIONS AND THE ORGANIZATION OF SUBJECTIVITY IN FREUDIAN THEORY

YO, LENGUAJE Y CULTURA: MEDIACIONES SIMBÓLICAS Y ORGANIZACIÓN DE LA SUBJETIVIDAD EN LA TEORÍA FREUDIANA

DOI: 10.5281/zenodo.20372620



Julio Cezar da Luz Ferreira Filho¹

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre ego, linguagem e cultura, por meio da perspectiva freudiana, buscando compreender de que modo esses três elementos participam da constituição do sujeito e da administração da subjetividade nas sociedades. O estudo parte do pressuposto de que o ego não pode ser compreendido isoladamente, uma vez que se forma em articulação com a realidade, com os processos simbólicos da linguagem e com as exigências culturais que regulam a vida coletiva. Metodologicamente, trata-se de uma investigação teórica, de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de obras clássicas de Sigmund Freud e de autores pós-freudianos que discutem a estrutura psíquica, a linguagem e a cultura. Os resultados da análise indicam que o ego exerce uma função mediadora entre as exigências pulsionais, as normas internalizadas e o mundo externo; que a linguagem ocupa um lugar estruturante na constituição psíquica e que a cultura atua como instância organizadora da vida social e subjetiva, impondo renúncias, regulações e formas de simbolização. Conclui-se que, na perspectiva freudiana, ego, linguagem e cultura são dimensões inseparáveis para a compreensão da experiência humana.

Palavras-chave: ego, linguagem, cultura, psicanálise, subjetividade

¹ Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.
E-mail: julio.filho@estudante.ufscar.br.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between ego, language, and culture from a Freudian perspective, seeking to understand how these three elements participate in the constitution of the subject and in the management of subjectivity in societies. The study is based on the assumption that the ego cannot be understood in isolation, as it is formed in articulation with reality, with the symbolic processes of language, and with the cultural demands that regulate collective life. Methodologically, this is a theoretical investigation of a qualitative nature, developed through a bibliographic review of classical works by Sigmund Freud and post-Freudian authors who address psychic structure, language, and culture. The results of the analysis indicate that the ego performs a mediating function between instinctual demands, internalized norms, and the external world; that language occupies a structuring role in psychic constitution; and that culture acts as an organizing instance of social and subjective life, imposing renunciations, regulations, and forms of symbolization. It is concluded that, from a Freudian perspective, the ego, language, and culture are inseparable dimensions for understanding human experience.

Keywords: ego, language, culture, psychoanalysis, subjectivity.

RESUMEN

Este artículo analiza la relación entre el yo, el lenguaje y la cultura desde la perspectiva freudiana, con el propósito de comprender cómo estos tres elementos intervienen en la constitución del sujeto y en la configuración de la subjetividad en las sociedades. El estudio parte de la premisa de que el yo no puede entenderse de manera aislada, ya que se constituye en articulación con la realidad, con los procesos simbólicos del lenguaje y con las exigencias culturales que regulan la vida colectiva. Metodológicamente, se trata de una investigación teórica de carácter cualitativo, desarrollada mediante una revisión bibliográfica de las obras clásicas de Sigmund Freud y de autores posfreudianos que abordan la estructura psíquica, el lenguaje y la cultura. Los resultados del análisis indican que el yo desempeña una función mediadora entre las exigencias pulsionales, las normas interiorizadas y el mundo exterior; que el lenguaje ocupa un lugar estructurante en la constitución psíquica; y que la cultura actúa como instancia organizadora de la vida social y subjetiva, imponiendo renuncias, regulaciones y formas de simbolización. Se concluye que, desde la perspectiva freudiana, el yo, el lenguaje y la cultura constituyen dimensiones inseparables para la comprensión de la experiencia humana.

Palabras clave: yo, lenguaje, cultura, psicoanálisis, subjetividad.

INTRODUÇÃO

No campo das ciências humanas, a análise da constituição do sujeito é fundamental, sobretudo quando envolve categorias que articulam dimensão psíquica, produção simbólica e vida social. Entre essas categorias, ego, linguagem e cultura se destacam como eixos

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





fundamentais para a compreensão dos modos pelos quais os indivíduos se inserem no mundo, constroem sentidos e organizam suas experiências. Trata-se de uma problemática que ultrapassa abordagens estritamente psicológicas, exigindo a consideração dos processos históricos, sociais e simbólicos que participam da formação humana.

Nesse contexto, a psicanálise freudiana apresenta-se como um referencial teórico para a análise dessas articulações ao compreender o sujeito como efeito de dinâmicas inconscientes, conflitos psíquicos e processos de mediação com a realidade. Essa perspectiva fundamenta-se na teoria estrutural do aparelho psíquico — composta de id, ego e superego — bem como na concepção do inconsciente como instância determinante da vida psíquica e na compreensão de que a cultura decorre de processos de renúncia pulsional, conforme desenvolvido por Freud em obras como *O ego e o id* (1923) e *O mal-estar na civilização* (1930).

A partir desse enquadramento, o ego pode ser compreendido como instância mediadora entre as exigências pulsionais do id, as imposições normativas do superego e as condições da realidade externa. Simultaneamente, a linguagem assume um papel estruturante na constituição do aparelho psíquico, na medida em que permite a simbolização, a inscrição das experiências e a organização dos processos de pensamento. Por sua vez, a cultura se configura como um sistema de regras, valores e significações, que regula a vida coletiva, impondo limites às pulsões e possibilitando a convivência social. Dessa forma, ego, linguagem e cultura não se apresentam como dimensões isoladas, mas como elementos interdependentes na constituição do sujeito.

Assim, a relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão dessas articulações em um contexto contemporâneo marcado por transformações nas formas de subjetivação, nas dinâmicas comunicacionais e nas configurações culturais. Investigar a relação entre ego, linguagem e cultura permite contribuir para debates mais amplos sobre subjetividade, identidade, laço social e produção de sentido e para a análise das experiências humanas em diferentes contextos sociais.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Do ponto de vista metodológico, este artigo caracteriza-se como um estudo teórico, de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica. O corpus de análise é constituído por obras de Sigmund Freud e por contribuições de autores que, em diálogo com a tradição psicanalítica, discutem os vínculos entre estrutura psíquica, linguagem e cultura. A opção por esse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de reunir fundamentos conceituais capazes de sustentar uma leitura articulada entre esses três elementos.

A partir desse panorama, o estudo se orienta pela seguinte questão de investigação: como se estabelece a articulação entre ego, linguagem e cultura na constituição do sujeito, considerando a teoria estrutural do aparelho psíquico proposta por Freud e a sua concepção de cultura como resultado da renúncia pulsional?

Para responder a essa problemática, o objetivo deste estudo consiste em analisar a articulação dialética entre ego, linguagem e cultura, a partir da teoria estrutural freudiana (id, ego e superego) e da noção de cultura como efeito da regulação das pulsões, evidenciando de que modo essas dimensões operam conjuntamente na constituição e na administração da subjetividade.

Especificamente, examina-se o conceito de ego em Freud, compreendido como instância mediadora entre as exigências pulsionais do id, as imposições normativas do superego e as condições da realidade; analisa-se a função da linguagem na constituição do aparelho psíquico, com base nos conceitos de representação, memória e inconsciente nos primeiros textos freudianos; investiga-se a cultura, na perspectiva freudiana, como sistema de regulação das pulsões e condição de possibilidade da vida em sociedade, e, por fim, demonstra-se a articulação entre ego, linguagem e cultura na constituição do sujeito.

EGO, LINGUAGEM E CULTURA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA FREUDIANA

Embora avanços tenham sido alcançados na compreensão do desenvolvimento humano, persiste a necessidade de aprofundar a análise dos processos psíquicos e culturais

Revista OWL Journal, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

relacionados à constituição do sujeito e à organização da vida em sociedade, com atenção aos processos culturais e evolutivos, que explicam a formação das condições pelas quais os indivíduos se tornam o que são.

Nunca é demais lembrar que os chimpanzés de hoje resultaram também de um processo evolutivo e cultural de aproximadamente 7 milhões de anos, considerando a divergência entre a linhagem humana (hominíneos) e a dos chimpanzés (*Pan*), a partir de um ancestral comum, conforme evidências da paleoantropologia (Neves, 2006).

Em termos analíticos, parte dos modos pelos quais os seres humanos pensam, vivenciam a cultura e reagem a situações adversas relaciona-se a formas de regulação moral historicamente situadas, cuja gênese remonta ao Pleistoceno Médio e Superior, aproximadamente entre 300 mil e 11 mil anos atrás. Nesse período, intensificam-se processos de organização social, simbólica e cultural que influenciam a constituição do comportamento humano. A reflexão sobre as morais provisórias permite aproximar a análise dos processos que atuam na natureza e que, neste artigo, pretende-se evidenciar e compreender.

Nesse contexto, Neves (2006) argumenta que nossas morais provisórias não devem ser tão descoladas da realidade, de como as coisas realmente funcionam. Se assim fosse, ainda estaríamos lascando pedras e adorando fenômenos meteorológicos como deuses. Diante disso, é importante destacar que existe um importante processo de desenvolvimento psíquico e comportamental que permeia as sociedades desde o início dos tempos. Trata-se da ideação cultural organizacional, que está intrinsecamente relacionada a três fatores: 1) o ego, que é a relação entre o consciente de realidade, 2) a cultura, relacionada a combinados e regras sociais, e 3) a linguagem, que é a base da comunicação e que molda, estrutura e expressa o ego.

A inauguração da reflexão psicanalítica sobre sociedade, cultura e linguagem ocorre pelas publicações e pelos estudos de Freud no início do século 20, mais precisamente a partir do ano 1910, por meio de obras centrais como *Totem e Tabu* (1913), *O ego e o id* (1923) e *O mal-estar na civilização* (1930), as quais estabelecem fundamentos teóricos essenciais para a compreensão da relação entre sujeito, cultura e organização psíquica.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud estabeleceu uma das primeiras articulações sistemáticas entre cultura e psiquismo ao propor que a civilização é fundada na renúncia pulsional, introduzindo a ideia de que a organização social depende da internalização de proibições e da regulação dos desejos individuais. Posteriormente, em *O ego e o id* (1923), ele formaliza o papel do ego como mediador entre as exigências internas e externas, situando-o na dinâmica estrutural do aparelho psíquico em relação ao id e ao superego.

Já em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud aprofunda essa discussão ao evidenciar o conflito permanente entre as exigências pulsionais do indivíduo e as imposições da vida em sociedade, demonstrando que a cultura, ao mesmo tempo que possibilita a convivência social, impõe renúncias, que geram tensão e sofrimento psíquico.

Dessa forma, sustenta-se que a psicanálise, como referencial teórico, para a compreensão dos conceitos de ego, cultura e linguagem, nas esferas estruturais da sociedade, permite analisar os impactos nas relações dos indivíduos até os dias atuais, oferecendo subsídios para uma melhor compreensão das dinâmicas psíquicas e comportamentais que perpassam a constituição do sujeito.

O EGO SOB A ÓTICA DA PERCEPÇÃO FREUDIANA

Antes de adentrar na análise sobre o ego, Freud relata, em *O ego e o id* (1923), que a mente humana é dividida em três partes: “id”, que está relacionado a impulsos primitivos e desejos imediatos relacionados ao prazer, “superego”, que está relacionado aos tratados sociais, morais e de repressão ao desejo e prazer, e “ego” que é a conexão responsável por tentar equilibrar os desejos do id com as regras do superego e a realidade.

Na referida obra, Freud ([1923] 1996, p. 39) complementa a definição do ego como uma instância que se desenvolve a partir do contato com a realidade: “O ego é, antes de tudo, um ego corporal”. Essa afirmação indica que o ego possui uma base sensorial e relacional, sendo constituído na interface entre organismo e mundo externo. O ego exerce função mediadora entre o id, associado às pulsões, o superego, vinculado às normas internalizadas, e

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

as exigências da realidade. Nesse sentido, pode ser compreendido como dimensão de negociação, responsável por equilibrar demandas frequentemente incompatíveis (Sampaio, 2017).

Em complemento, Gay (2010, p. 88), citando a obra de Freud *O projeto para uma psicologia científica* (1985), ao interpretar esse texto como um momento inicial da formulação do pensamento freudiano, levanta a seguinte observação: “Não constitui propriamente um esboço da teoria psicanalítica, mas as ideias de Freud sobre as pulsões, a repressão e a defesa, a economia mental com suas forças energéticas em conflito, o animal humano como animal desejante, todas elas estão aí prefiguradas”.

Assim, para Gay (2010), é possível que Freud, por meio das obras *Além do princípio do prazer* (1920) e *O ego e o id* (1923), tenha mantido um modelo energético-econômico em que permanece o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica, o que indica uma continuidade entre os seus primeiros escritos e a formulação posterior da teoria estrutural do aparelho psíquico.

Sampaio (2017) sustenta que a atividade nervosa é regida pelo princípio da inércia, segundo o qual a estimulação externa que adentra o aparelho, doravante denominada Q , não deve provocar elevação energética em seu interior. O autor observa ainda que, diante da continuidade das fontes externas de estímulo, desencadeiam-se mecanismos voltados à descarga energética, com o objetivo de manter o nível constante. Essa regulação ocorre por meio do emprego de $Q\eta$, que representa a quantidade de energia proveniente de estímulos endógenos ou pulsionais. Essa formulação aprofunda a leitura do modelo energético descrito por Freud e posteriormente interpretado por Gay (2010).

Segundo Sampaio (2017), esse modelo segue a estrutura do arco-reflexo, compreendido por Freud (1985) como o modelo biológico fundamental para a explicação do funcionamento inicial do aparelho psíquico. Esse modelo evidencia a base fisiológica a partir da qual se elabora a metapsicologia freudiana, ao representar a tendência à descarga de tensões (estímulos) por meio de resposta motora. Essa dinâmica serve de fundamento para o

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

princípio do prazer, na medida em que orienta a manutenção da energia psíquica em níveis mínimos ou constantes.

O estudo de Freud sobre o movimento arco-reflexo fundamenta-se na obra *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), na qual se apresenta um modelo neuronal em que um estímulo sensorial desencadeia uma resposta motora imediata, orientada à descarga de energia e à manutenção do equilíbrio do organismo. Trata-se de reação automática, como a retirada da mão diante de fonte de calor, o que evidencia que o funcionamento psíquico, em sua origem, vincula-se a mecanismos de regulação energética. Esses mecanismos são, posteriormente, reorganizados em níveis mais complexos pelo ego, entendido como estrutura mediadora entre excitação e resposta.

Ademais, há outros processos geradores de excitação. Fatores como sexualidade, excreção e fome elevam o nível energético e exigem resolução por meio de ação específica (Gay, 2010). Esse quadro evidencia a necessidade de uma estrutura psíquica capaz de regular tais tensões, função que, na teoria freudiana, é atribuída ao ego.

Nesse sentido, Sampaio (2017) sustenta que a compreensão das funções do ego, tais como defesa, passagem dos processos primários aos secundários e teste de realidade, exemplifica a permanência de formulações presentes no *Projeto para uma Psicologia Científica* (Freud, 1895) em obras posteriores. O autor destaca, entre esses elementos, os mecanismos de defesa, o teste de realidade e a função mediadora do ego entre excitação e resposta.

Por outro lado, formulações de caráter neurológico mais direto, como a concepção do aparelho psíquico ancorada em sistemas neuronais e em quantidades de energia (Q), não se mantiveram de modo explícito na metapsicologia desenvolvida posteriormente por Freud (Sampaio, 2017).

A partir dessa distinção entre os elementos que se mantêm e aqueles que são reformulados, torna-se possível compreender com maior precisão o desenvolvimento do conceito de ego, o que permite situar a contribuição de Monzani (1988) nesse debate. Para ele, o ego é:

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

[...] uma massa organizada de neurônios (ou, se preferir uma linguagem mais psicológica, de representações) com boas facilitações entre si, constantemente investida, formando uma espécie de campo imantado que tem a possibilidade de atrair energia para si, de desviar, portanto, o curso desta quanto estiver se dando de forma livre e puder terminar na liberação de desprazer. Essa função inibidora do ego é que faz com que ele seja essencialmente, no Projeto..., um sistema de defesa contra a liberação do desprazer. O ego aqui é, nitidamente, uma instância que não se confunde nem com a pessoa nem com o aparelho psíquico e não tem nenhuma relação especial com a consciência. Ele é essencialmente um agente executivo de produzir certos efeitos no fluxo e na distribuição de energia (Monzani, 1988, p.242).

A partir das observações destacadas na citação, verifica-se que, na análise de Monzani (1998), o ego é inicialmente compreendido em termos energéticos e funcionais, vinculado à dinâmica de regulação e distribuição da energia psíquica. Nos desenvolvimentos posteriores, o ego deixa de ser concebido como sistema neuronal alheio à consciência e passa a ocupar uma posição central na organização do aparelho psíquico, conforme reformulação apresentada em relação ao *Projeto para uma Psicologia Científica* (Freud, 1895).

Nesse percurso teórico, mantêm-se a dimensão defensiva do ego, sua relação com a realidade e sua função inibitória, ainda que submetidas a reelaborações decorrentes de desenvolvimentos conceituais posteriores. De acordo com Monzani (1988), a percepção desempenha um papel relevante, uma vez que integra as análises que explicam a emergência do ego e sua vinculação ao corpo.

Nesse quadro, a percepção pode ser compreendida como uma dimensão implicada na constituição do sujeito, ao funcionar como tradução psíquica de estímulos externos. Esse entendimento aproxima-se da formulação freudiana ao enfatizar a base corporal e relacional do ego.

À luz da afirmação de Freud (1923) acerca da associação entre ego e corpo, evidencia-se a relevância do corpo na organização desse sistema. Freud ([1923] 2011, p. 24) afirma que o “Eu é sobretudo corporal; não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície”. Essa formulação reforça a compreensão de que o ego se constitui na relação entre o sujeito e o mundo externo.

Assoun (1996, p. 1.988), em sua interpretação desse trecho, diz que:

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

O Eu- Corpo desempenha seu papel relacional, a se entender como uma relação entre o fora e o dentro: desse modo se opera uma autorrepresentação, que supõe ao mesmo tempo presença do exterior e separação desse exterior, pela qual o Eu se refere a si mesmo. O eu se define, portanto, como enfeito projetivo (mais do que reflexivo).

A leitura de Assoun (1996) permite aprofundar essa concepção ao evidenciar que o ego se constitui a partir de dinâmica relacional entre interior e exterior, mediada por processos de representação. Nessa perspectiva, o movimento do pensamento adquire importância na psicanálise, na medida em que se vincula às necessidades e às respostas que orientam a elaboração psíquica diante de demandas sociais e culturais.

A análise de obras freudianas e de autores pós-freudianos indica que o conceito de ego apresenta trajetória teórica ampla, marcada por diferentes formulações. A compreensão de suas transformações ao longo do tempo, com preservação de certa coerência interna, requer exame sistemático de seus desdobramentos conceituais.

A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

A língua é um instrumento de transmissão de pensamentos do indivíduo e da cultura de um povo, ao passo que a linguagem corresponde à capacidade geral de comunicação. O desenvolvimento linguístico-cultural do indivíduo ocorre em interação com a comunidade, na qual se inserem práticas sociais, históricas e discursivas compartilhadas.

Segundo Rajagopalan (2003, p. 41), “a identidade de um povo se constrói na língua e através dela”. Considerando que a língua se inscreve em contextos sociais, históricos e culturais, infere-se que língua e cultura atuam de forma articulada na formação da identidade do falante.

Macedo (2020) afirma que a psicanálise tem como objeto o inconsciente, compreendido como um saber que se manifesta na linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem assume um papel estruturante, antecede o sujeito e possibilita a atribuição de significação ao

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





mundo e às experiências humanas. O autor ressalta ainda que “os fenômenos da linguagem estão intimamente relacionados à vida psíquica e sua importância pode ser percebida desde os primeiros trabalhos freudianos” (Macedo, 2020, p. 1).

Assim, pode-se entender que a linguagem vem antes do sujeito. Ela é o resguardo entre o eu e o outro e aquilo que nos permite ser e evoluir no mundo. A linguagem é a primazia do espírito, é a estrutura, o alicerce e, por meio dela, podemos munir de significação e ressignificação o mundo, a natureza e os absurdos da nossa existência aqui.

Freud, em 1891, estava às voltas com questões concernentes ao funcionamento da linguagem. Seus achados na clínica colocavam em xeque algumas das importantes teorias de neurólogos da época, muitos deles seus mestres. É nesse cenário que Freud escreve seu estudo sobre as afasias, intitulado *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* ([1891] 1977), texto mantido à margem das compilações de suas obras por ser considerado de cunho altamente neurológico. Entretanto, esse trabalho não só assinala a radical ruptura de Freud com a neurologia ortodoxa alemã, mas destaca-se também pela “lucidez com que procura separar o âmbito da anatomofisiologia daquele da Psicologia, intimamente vinculado à problemática da linguagem” (Rossi, 2016, p. 153).

Freud ([1891] 1977), com base em ensaios clínicos da época, posiciona-se criticamente em relação às teorias localizacionistas desenvolvidas por Theodor Meynert (1833–1892), Paul Broca (1824–1880) e Carl Wernicke (1848–1905), segundo as quais funções específicas da linguagem estariam circunscritas a áreas determinadas do cérebro. Em contraposição, propõe uma abordagem voltada à compreensão tanto das afasias quanto do funcionamento da linguagem.

O termo afasia foi introduzido na medicina, em meados da década de 1860, por Paul Broca, para designar quadros de perda da fala associados a lesões no hemisfério esquerdo. Ao se afastar dessa perspectiva estritamente localizacionista, Freud passa a compreender a linguagem como resultado de processos associativos e do funcionamento psíquico mais amplo. Nesse contexto, elabora o conceito de *Sprachapparat* (aparelho da linguagem).



REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Nesse contexto, Freud ([1891] 1977) reformula a noção clássica de representação, tradicionalmente concebida como entidade psicológica consciente, e propõe uma contraversão na compreensão das relações entre o físico e o psíquico. Para o autor, o psíquico não corresponde à projeção direta do físico, mas configura-se como objeto de representação.

Nessa perspectiva, não se estabelece relação unívoca entre físico e psíquico, de modo que um não se reduz ao outro. Essa formulação permite desvincular o conceito de representação do conceito de consciência, implicando a revisão da noção de percepção como mera impressão sensível.

Nos primeiros trabalhos freudianos, como *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891), os *Estudos sobre a histeria* (1893-1895) e o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), é possível notar a importância do papel ocupado pela memória, em torno da qual são elaborados seus modelos de aparelho psíquico. Entregue em 1891 como aparelho de linguagem, seu *Sprachapparat* é também um aparelho de memória. Nesse sentido, Garcia-Roza (2004a) diz que para esse aparelho, nem a linguagem nem a memória são acidentais, pois, sem uma ou outra, não haveria aparelho psíquico.

Santos (2019) assinala que, no *Projeto para uma Psicologia Científica* ([1895] 1996), Freud, ao formular uma teoria sobre o psiquismo e seu funcionamento, propõe a divisão do aparelho neuronal em três sistemas: o sistema de percepção ϕ (phi), o sistema de memória ψ (psi) e o sistema ω (ômega), responsável pelo desenvolvimento de qualidades sensoriais.

A distinção entre esses sistemas evidencia a impossibilidade de um mesmo conjunto de neurônios desempenhar, simultaneamente, funções de percepção e de memória. Para a efetivação do processo perceptivo, requer-se uma superfície neuronal não modificada a cada nova apreensão; já no processo mnêmico, a alteração deve ocorrer de modo permanente e sucessivo.

Santos (2019) acrescenta que, na base dessa teoria, a significação decorre de associações entre representações de objeto, e não do objeto em si. Nesse quadro, a palavra atua como via de passagem, no pré-consciente, dos conteúdos provenientes do inconsciente,

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





uma vez que, nessa instância, articulam-se representações de palavra e representações de objeto.

Desse modo, a articulação entre a função de representar e a dinâmica associativa do aparelho de linguagem e memória amplia seu funcionamento para além de uma função estritamente representacional.

Referindo-se a essa teoria, Lacan (2010, p. 180) descreve o aparelho psíquico de Freud da seguinte maneira:

O aparelho psíquico que ocupa Freud não é um aparelho psíquico tal como o concebe um professor atrás de uma mesa e diante de um quadro-negro, o qual lhes dá modestamente um modelo que, enfim, parece funcionar - isso funciona bem ou isso funciona mal, pouco importa, o importante é ter dito alguma coisa que parece sumariamente se assemelhar ao que se chama realidade. Para Freud, trata-se do aparelho psíquico dos seus doentes, não do indivíduo ideal, e é isso que o introduz nessa fecundidade verdadeiramente fulgurante que se vê, mais ainda do que em qualquer outra parte, nessa famosa carta 52. O que ele procura explicar não é qualquer estado psíquico, mas aquilo que ele partiu porque só há isso que seja acessível e se revela fecundo na experiência da cura- os fenômenos de memória.

A partir dessa leitura, Lacan (2010) enfatiza que o aparelho psíquico freudiano não pode ser compreendido como um modelo abstrato ou idealizado, mas como uma construção teórica fundada na experiência clínica e nos fenômenos de memória, o que reforça o caráter dinâmico e relacional do funcionamento psíquico.

Assim, Freud ([1891] 2016) apropria-se do discurso da psicologia de sua época, segundo o qual a palavra — entendida como representação complexa composta de elementos visuais, acústicos e cinestésicos — seria a unidade mínima. Contudo, recusa a ideia de que a representação corresponda a um efeito mecânico da estimulação externa captada pelo sistema perceptivo.

Em termos mais amplos, como assinala Garcia-Roza (2004), rejeita também a concepção de que o processo psíquico seja epifenômeno do processo fisiológico, compreendido como duplicação ou efeito secundário. Nesse sentido, a crítica freudiana ao modelo mecanicista aproxima-se de leituras posteriores, que deslocam a compreensão do psiquismo para o campo das representações e das associações.





A partir dessa perspectiva, Freud ([1891] 2016) estabelece as seguintes proposições acerca das representações: (a) a representação deixa de ser concebida como algo contido na célula nervosa; (b) a representação não pode ser pensada de modo independente das associações, uma vez que ambas integram um mesmo processo; (c) a representação deixa de ser entendida como efeito mecânico da estimulação periférica e (d) a representação passa a ser compreendida como diferença entre séries de associações, o que implica a concepção do aparelho em termos estruturais, em contraste com a ideia de soma de áreas corticais distintas, uma característica das teorias localizacionistas.

As associações passam a ser consideradas responsáveis pela própria estruturação do aparelho. Dessa forma, compreende-se que, sem linguagem, não há memória nem aparelho psíquico (Garcia-Roza, 2004). Em continuidade a essa perspectiva, Bezerra Júnior (2013) assinala que o sujeito, desde antes do nascimento, encontra-se exposto a uma multiplicidade de estímulos. Contudo, nem todos produzem inscrição psíquica, o que indica que apenas parte desses estímulos se transforma em marca.

Para o autor, o bebê humano caracteriza-se pela prematuridade e, ao nascer, encontra-se em condição de desamparo originário, que lhe é constitutiva. Nesse momento, não há aparato psíquico capaz de regular estímulos endógenos ou de produzir, de forma autônoma, ações voltadas à satisfação, sendo esse aparato objeto de constituição progressiva.

Incapaz de assegurar a própria sobrevivência, o neonato é exposto a estados de necessidade ou privação, que geram tensões internas, as quais demandam descarga para a redução do desprazer. Diante dessas sensações, o bebê manifesta-se por meio do choro e de agitação motora, interpretados pelo outro como demanda.

Esse outro, geralmente a mãe ou seu substituto, interpreta, nomeia e responde à necessidade apresentada. Com isso, a descarga motora inicial adquire sentido e passa a integrar o campo simbólico como forma de comunicação. O atendimento à necessidade, por meio do objeto oferecido, produz a inscrição de um traço mnêmico associado à experiência de satisfação, como o seio materno (Bezerra Júnior, 2013).





Em complemento, Fuks (2018) assinala que o primeiro texto freudiano diretamente voltado à cultura, e à leitura que a psicanálise permite realizar desse campo, é *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* ([1908] 1977). Segundo o autor, a obra expressa o contexto histórico-cultural de sua produção e possibilita acompanhar o modo como Freud elabora uma análise crítica de sua época, a partir do que apreende, na clínica, acerca do inconsciente em sua dimensão sexual. Nessa perspectiva, a psicanálise refere-se ao sujeito em sua singularidade, contudo, por sua inserção na linguagem, essa singularidade inscreve-se na história.

Dessa forma, compreende-se que, na perspectiva psicanalítica, a linguagem não se configura apenas como um instrumento de comunicação, mas como uma estrutura constitutiva do aparelho psíquico, responsável por possibilitar a inscrição das experiências, a organização da memória e a articulação entre inconsciente e consciência. Nesse sentido, a linguagem assume um papel fundamental na constituição do sujeito, mediando a relação entre o eu, o outro e a cultura, o que permite avançar para a compreensão de como esses elementos se articulam no campo social.

Nesse horizonte, torna-se possível compreender que a cultura não se constitui de forma independente da linguagem, mas se organiza a partir dela, uma vez que é por meio dos sistemas simbólicos que se estruturam as normas, os valores e as formas de relação social.

CULTURA COMO UMA ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA

Freud inicia a construção da perspectiva psicanalítica com a publicação de *A interpretação dos sonhos*, volumes I e II (Freud, [1900a] 1976; [1900b] 1976), obra fundamental para a compreensão do inconsciente e de seus modos de expressão. No que se refere à cultura, sua primeira formulação crítica aparece no artigo *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* (Freud, [1908] 1977).

Alguns anos depois, em 1929, às vésperas do colapso da Bolsa de Valores de Nova York, Freud publica *O mal-estar na civilização*. Segundo Morais (s.d.), nessa obra, o

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





problema principal se refere à impossibilidade de a civilização assegurar a felicidade humana. Ainda que o desenvolvimento civilizatório apresente avanços, persistem tensões que limitam a realização plena dos indivíduos.

Sob a perspectiva política, o autor afasta tanto formulações associadas ao liberalismo, ainda que não o mencione explicitamente, quanto ao socialismo, ao considerar que ambas partem de compreensões insuficientes acerca da natureza humana.

Na obra *O mal-estar na civilização* (1929), Freud desenvolve uma reflexão sobre a vida em sociedade, compreendida como dinâmica e marcada pela incidência das pulsões, que orientam o comportamento humano. Para a organização social, torna-se necessária a contenção dessas forças, mediante a internalização de normas e pactos coletivos. Esse processo evidencia o papel da cultura como instância reguladora das pulsões individuais.

Uma questão importante para percebermos o alcance do trabalho de Freud (1929) é a seguinte: o que pedem os homens da vida e o que desejam nela realizar? Ele mesmo responde:

[...] esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Destarte, o que decide o propósito da vida, segundo Freud é o programa do princípio do prazer, este princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Entretanto, “quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição (Freud, 1929, p. 33).

A partir dessa compreensão de que o sujeito é orientado pela busca de prazer, mas limitado por sua própria constituição, torna-se possível ampliar a análise para o modo como a vida em sociedade impõe restrições a essas inclinações individuais.

Segundo Garrit (2021), Freud dialoga com o pensamento de Thomas Hobbes (1588–1679), cuja obra *Leviatã* (1651) apresenta uma concepção de natureza humana marcada pelo conflito, na qual, em estado de natureza, os indivíduos vivem sob condições permanentes de tensão e competição.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A conhecida fórmula hobbesiana “o homem é o lobo do homem” é retomada por Freud em *O mal-estar na civilização* (1929, p. 77) ao caracterizar o homem como portador de impulsos agressivos, que podem se dirigir inclusive contra seus semelhantes.

Essa aproximação não é casual, uma vez que, assim como Hobbes, Freud (1929) reconhece que a vida em sociedade só se torna possível mediante a imposição de limites às inclinações individuais. Nesse sentido, a cultura aparece como uma instância reguladora, que contém a agressividade e organiza a convivência social, ainda que ao custo de restrições às pulsões e, conseqüentemente, da produção de sofrimento psíquico.

Contudo, em *Totem e Tabu* (1913), Freud já trazia uma influência desse pensador no mito sobre a origem da civilização, especialmente ao tratar da constituição da lei, da interdição e da organização social a partir da renúncia pulsional.

Dessa forma, compreende-se que, na perspectiva freudiana, a cultura não é apenas como um conjunto de normas externas, mas como uma organização psíquica, que atua diretamente na regulação das pulsões e na constituição do sujeito. Nesse sentido, a cultura impõe limites, produz conflitos e estabelece condições para a vida em sociedade, articulando-se de maneira indissociável com o ego e com a linguagem. É a partir dessa articulação que se torna possível compreender como essas três dimensões — ego, linguagem e cultura — atuam conjuntamente na constituição da subjetividade.

A RELAÇÃO ENTRE EGO, LINGUAGEM E CULTURA

A relação entre ego, linguagem e cultura constitui um dos eixos centrais da teoria psicanalítica, na medida em que permite compreender como o sujeito se forma a partir de processos simultaneamente psíquicos e sociais. Na perspectiva freudiana, o ego não se constitui de forma isolada, mas emerge em constante relação com o mundo externo, sendo perpassado por determinações simbólicas e culturais que organizam a experiência subjetiva.

O ego, conforme desenvolvido por Freud (1923), não é apenas uma instância de mediação entre o id e o superego, mas também uma estrutura que se constitui a partir do

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

contato com a realidade. Essa realidade, entretanto, não se apresenta de forma neutra, sendo mediada pela linguagem e pelas normas culturais que orientam a percepção e a ação do sujeito. Nesse sentido, o ego é simultaneamente produto e operador dessas mediações.

A linguagem, por sua vez, tem um papel estruturante nesse processo, pois é por meio dela que o sujeito organiza suas experiências e estabelece relações com o outro. Como apontado por Macedo (2020), o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que implica que os processos psíquicos não podem ser compreendidos fora do campo simbólico. Assim, a linguagem não apenas expressa o ego, mas participa diretamente de sua constituição.

Essa concepção é aprofundada quando se considera o papel das representações, tal como formulado por Freud em seus primeiros trabalhos. Ao rejeitar a ideia de que o psiquismo seria um reflexo direto do funcionamento biológico, Freud desloca a compreensão do sujeito para o campo das associações e da significação, indicando que a linguagem e a memória são elementos indissociáveis na formação do aparelho psíquico (Garcia-Roza, 2004a).

A partir dessa perspectiva, o ego pode ser entendido como uma instância que organiza e regula essas associações, atuando na mediação entre as exigências internas e as demandas externas. Conforme Sampaio (2017), essa função mediadora envolve processos, como o teste de realidade e os mecanismos de defesa, que são fundamentais para a adaptação do sujeito ao meio social.

Contudo, essa adaptação não ocorre sem conflitos. Freud (1930) demonstra que a cultura impõe restrições às pulsões individuais, exigindo renúncias, que produzem tensão psíquica. Nesse cenário, o ego assume um papel importante ao negociar essas exigências, buscando equilibrar as demandas do desejo com as imposições sociais.

A cultura, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de normas externas, mas como uma dimensão que se inscreve no próprio funcionamento psíquico. Como argumenta Fuks (2018), a psicanálise revela que o sujeito, embora singular, está inevitavelmente inserido em uma rede simbólica que o antecede e o constitui. Essa rede simbólica é mediada pela linguagem, que atua como um sistema de significação por meio do

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

qual os valores culturais são transmitidos e internalizados. Dessa forma, a linguagem figura como ponte entre o individual e o coletivo, permitindo que o sujeito se insira na cultura, ao mesmo tempo que é por ela moldado.

A contribuição de Lacan (2010) reforça essa compreensão ao enfatizar que o aparelho psíquico deve ser entendido a partir da experiência clínica e dos fenômenos de memória, e não como um modelo abstrato. Para o autor, o sujeito é efeito da linguagem, o que implica que o ego não é uma entidade autônoma, mas uma construção mediada pelo simbólico. Nesse contexto, o ego pode ser visto como uma instância que se constitui a partir da relação com o outro, sendo perpassado por discursos e significações que não lhe pertencem inteiramente. A linguagem, portanto, não apenas estrutura o inconsciente, mas também delimita as formas pelas quais o sujeito pode se reconhecer e se posicionar no mundo.

A articulação entre ego, linguagem e cultura torna-se ainda mais evidente quando se considera o processo de socialização. Desde os primeiros momentos da vida, o sujeito é inserido em um universo simbólico no qual suas experiências são nomeadas e significadas pelo outro, como aponta Bezerra Júnior (2013). Esse processo evidencia que a constituição do ego está diretamente vinculada à linguagem e à cultura. Ao mesmo tempo, essa inserção implica a internalização de normas e valores que passam a regular o comportamento do sujeito. O superego, nesse sentido, pode ser compreendido como a instância que incorpora essas exigências culturais, enquanto o ego atua na negociação entre essas demandas e os impulsos do id.

Dessa forma, a relação entre ego, linguagem e cultura não é linear, mas dinâmica e marcada por tensões. O sujeito é constantemente atravessado por conflitos entre suas inclinações pulsionais e as exigências sociais, sendo o ego responsável por gerir essas contradições. Essa dinâmica evidencia que a subjetividade não é um dado natural, mas uma construção que se realiza na interseção entre o psíquico e o social. A linguagem, nesse processo, desempenha um papel fundamental ao possibilitar a simbolização das experiências e a organização do pensamento.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Nesse sentido, compreender essa articulação torna-se essencial não apenas no plano teórico, mas também no campo das práticas clínicas e educacionais, uma vez que é a partir dela que se configuram as formas de intervenção sobre o sujeito e seus modos de inserção na cultura.

AS IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E EDUCACIONAIS COMPOSTAS DA JUNÇÃO DESSA RELAÇÃO

A articulação entre ego, linguagem e cultura produz implicações significativas no campo clínico, sobretudo no que se refere à compreensão do sofrimento psíquico. Na tradição freudiana, o sintoma é compreendido como uma formação de compromisso, resultante do conflito entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela realidade e pela cultura (Freud, 1923, 1930). Nesse sentido, o sofrimento psíquico não pode ser entendido de forma isolada, mas como expressão de uma dinâmica que envolve o sujeito em sua relação com a linguagem e com o meio social.

Nesse contexto, o trabalho clínico consiste em possibilitar que o sujeito reconheça e elabore essas formações simbólicas, deslocando-se de uma posição de repetição para uma posição de significação. A escuta analítica, fundamentada na centralidade da linguagem, permite que os conteúdos inconscientes se manifestem por meio de lapsos, atos falhos e sintomas, exigindo interpretação e reinscrição no campo simbólico, conforme indicam os próprios desenvolvimentos freudianos sobre as formações do inconsciente.

A função do ego, nesse processo, é central, uma vez que, conforme Freud (1923), cabe a ele mediar as exigências do id, as imposições do superego e as condições da realidade. Sampaio (2017) reforça essa compreensão ao destacar que o ego atua por meio de mecanismos de defesa e do teste de realidade, sendo responsável por organizar a experiência do sujeito frente às tensões internas e externas. Em situações de sofrimento, observa-se frequentemente um enfraquecimento dessa função mediadora, dificultando a simbolização das experiências.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A linguagem, por sua vez, apresenta-se como o principal meio pelo qual o inconsciente se manifesta e pode ser abordado no contexto clínico. Conforme Macedo (2020), o inconsciente é estruturado como linguagem, o que implica que a intervenção psicanalítica se realiza no campo simbólico, por meio da escuta e da interpretação. Assim, a linguagem expressa o sofrimento e viabiliza sua elaboração.

No campo educacional, a articulação entre ego, linguagem e cultura permite compreender que os processos de aprendizagem ultrapassam a dimensão cognitiva e envolvem a constituição subjetiva do indivíduo. Nesse contexto, a linguagem não se limita à transmissão de conteúdos, mas participa da organização do pensamento e da produção de significados, desempenhando um papel importante no desenvolvimento do sujeito.

Rajagopalan (2003) assinala que a identidade se constrói na e pela linguagem, o que indica que o processo educativo abrange também a formação subjetiva e cultural. Desse modo, a escola ensina conteúdos e insere o sujeito em um universo simbólico no qual aprende a se posicionar, interpretar e produzir sentidos.

A escola, como instituição cultural, exerce um papel central na internalização de normas, valores e formas de comportamento. Freud (1930) já apontava que a cultura se sustenta na renúncia pulsional e na regulação dos impulsos, o que permite compreender que o ambiente escolar também participa desse processo de organização psíquica, influenciando diretamente a constituição do ego.

A partir dessa perspectiva, dificuldades de aprendizagem não podem ser compreendidas apenas como déficits cognitivos, mas devem ser analisadas à luz da relação do sujeito com a linguagem, com o saber e com o outro. Bezerra Júnior (2013) demonstra que a constituição psíquica se dá na relação com o outro, especialmente por meio da linguagem, o que reforça a importância de considerar os aspectos subjetivos no processo educativo.

Nesse cenário, o papel do educador ultrapassa a função de transmissor de conhecimento, assumindo a posição de mediador simbólico. Isso implica reconhecer que o processo educativo envolve dimensões afetivas, culturais e psíquicas, exigindo uma escuta sensível às singularidades do sujeito e às suas formas de expressão.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Dessa forma, tanto na clínica quanto na educação, a articulação entre ego, linguagem e cultura evidencia que o sujeito é constituído em um campo de relações simbólicas, que ultrapassam o individual. Compreender essas implicações permite desenvolver práticas mais consistentes, capazes de considerar a complexidade da subjetividade e suas formas de inserção no contexto social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar a relação entre ego, linguagem e cultura a partir da perspectiva freudiana, buscando compreender de que forma esses elementos se articulam na constituição da subjetividade. Ao longo da análise, evidenciou-se que essas dimensões não atuam de maneira isolada, mas constituem um sistema dinâmico e interdependente, que estrutura o funcionamento psíquico e as formas de inserção do sujeito na realidade social.

A partir da leitura das obras de Freud e de autores pós-freudianos, foi possível observar que o ego não se limita a uma instância de mediação interna, mas se constitui na relação com o mundo, sendo marcado por determinações simbólicas e culturais. Nesse sentido, a linguagem assume um papel fundamental, não apenas como meio de expressão, mas como estrutura organizadora da experiência psíquica, permitindo a simbolização, a memória e a produção de sentido.

Do mesmo modo, a cultura revelou-se como um elemento fundamental na regulação das pulsões e na organização da vida em sociedade, operando como uma instância que impõe limites, mas também possibilita a convivência social. Essa dupla função evidencia o caráter ambivalente da cultura, que, ao mesmo tempo que estrutura o sujeito, também produz tensões e conflitos inerentes à condição humana.

A articulação entre esses três elementos permitiu compreender que a subjetividade é resultado de um processo contínuo de negociação entre o interno e o externo, entre o desejo e a norma, entre o individual e o coletivo. O ego, nesse contexto, atua como instância

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





organizadora dessas tensões, mediando as exigências pulsionais e as demandas impostas pela cultura, sempre atravessado pela linguagem.

No campo clínico, essa compreensão possibilita uma abordagem mais ampla do sofrimento psíquico, ao considerar que os sintomas são formações simbólicas que expressam conflitos entre essas dimensões. Já no campo educacional, evidencia-se a necessidade de compreender o processo de aprendizagem para além da dimensão cognitiva, incorporando os aspectos subjetivos e culturais que influenciam a formação do sujeito.

Dessa forma, conclui-se que a relação entre ego, linguagem e cultura constitui um eixo fundamental para a compreensão da constituição psíquica e das formas de organização social. A análise desenvolvida neste artigo contribui para ampliar o entendimento dessas articulações, oferecendo subsídios teóricos para reflexões no campo da psicanálise, da educação e das ciências humanas de modo geral.

Por fim, ressalta-se a importância de aprofundar investigações futuras que possam explorar empiricamente essas relações, especialmente no contexto contemporâneo, marcado por transformações culturais e tecnológicas que impactam diretamente os modos de subjetivação e as formas de relação social.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FREUD, Sigmund. Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Trabalho original publicado em 1908)

FREUD, Sigmund. Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. Lisboa: Edições Biblioteca 70, 1977. (Trabalho original publicado em 1891)

FREUD, Sigmund. **La interpretación de los sueños I**. Tradução de J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 4. (Obras completas de Sigmund Freud). (Trabalho original publicado em 1900)

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



FREUD, Sigmund. **La interpretación de los sueños II**. Tradução de J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 5. (Obras completas de Sigmund Freud). (Trabalho original publicado em 1900)

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 2012. (Trabalho original publicado em 1913)

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 2011. (Trabalho original publicado em 1923)

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2010. (Trabalho original publicado em 1930)

FUKS, Betty Bernardo; RUDGE, Ana Maria. Em torno da complexa articulação sujeito e cultura. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 1–9, 2018.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004a. v. 2.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b. v. 3.

GARRIT, Marcio; RUDGE, Ana Maria. Freud: do mito à cultura. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 6–20, 2021.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses (1955–1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MACEDO, Sybele. A linguagem na estruturação do aparelho psíquico. **Analytica**, São João del-Rei, v. 9, n. 17, 2020.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: UNICAMP, 1988.

MORAES, Wallace dos Santos. Resenha do livro O mal-estar na civilização de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

NEVES, Walter Alves. Origem do universo e do homem: e no princípio... era o macaco! **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000300023>.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

ROSSI, Emiliano de Brito. Posfácio. In: FREUD, Sigmund. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAMPAIO, Eloy San Carlo Maximo. **O conceito de ego em Freud e Klein**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Dayanna Pereira dos. Aparelho psíquico, memória e a noção de tempo nos primeiros textos de Freud: sobre as vicissitudes da linguagem. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 41, 2019.

Recebido em: 01/04/2026

Aprovado em: 27/04/2026

Publicado em: 25/05/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

